

ALTHUSSER, LOUIS. *Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre aparelhos ideológicos de estado*. Trad. Maria Laura Viveiros de Castro. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 129 p.

Maira Coutinho Ferreira\*

O francês Louis Althusser (1918-1990) é considerado um dos principais nomes do estruturalismo francês dos anos 60, mas criticou o estruturalismo como espécie de ideologia burguesa. Seus escritos são complexos e de leitura difícil, passíveis de suscitar diversas reações e interpretações; ele foi considerado ora um analista ousado das premissas e dos dilemas profundos do pensamento socialista, ora um colecionador de frases herméticas e fórmulas explicativas, e até mesmo um apologista dos fracassos do socialismo.

Althusser foi um dos mais influentes teóricos políticos e sociais marxistas do século XX. Filiou-se ao Partido Comunista Francês em 1948, mas era contrário ao socialismo real da Europa Oriental e, ao oferecer uma nova interpretação dos textos de Marx, iniciou uma renovação da teoria revolucionária.

Tal renovação parte do princípio de que o funcionamento da política e da sociedade não poderia ser inteiramente explicado como resultado da luta de classes na esfera econômica. Para Althusser, a cultura e a ideologia também deviam ser consideradas, uma vez que toda sociedade, para se manter, necessita daquilo que ele chamou de aparelhos *ideológicos de estado*: uma intrincada rede de instituições e práticas

---

\* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa - FCL/UNESP - Araraquara

políticas e culturais, que abrange desde igrejas e meios de comunicação de massa até o sistema escolar e a família.

Em seu livro *Aparelhos Ideológicos de Estado*, a ideologia é apontada como essencial para a manutenção da divisão e organização do trabalho de uma formação social, ou seja, para a reprodução das condições de produção. Por condições de produção entendam-se as forças produtivas que atuam na geração do capital, e as relações de produção, que são relações entre as classes sociais, marcadas pela submissão da classe operária.

O autor explica que, para Marx, a estrutura de toda sociedade constitui-se de uma infra-estrutura ou base econômica e de uma superestrutura, que compreende as instâncias jurídico-política e ideológica. Na infra-estrutura estão as relações do homem com a natureza, as relações entre os não-proprietários e os proprietários, e entre estes e os meios e objetos do trabalho.

A instância jurídico-política é representada pelo Estado e pelo direito, estando o Estado a serviço da classe dominante, refletindo a relação de exploração de classe do nível econômico. Já a instância ideológica compreende a religião, as leis, a educação, a literatura, a filosofia, a ciência, a arte etc, sujeitas, também, às idéias e aos valores da classe dominante<sup>1</sup>.

A relação entre a infra-estrutura e a superestrutura é semelhante à relação entre andares de um edifício: a superestrutura, ou andares superiores, sustenta-se sobre a infra-estrutura, base do edifício, de modo que aquela depende desta. Há uma relação de determinação em última instância da base econômica sobre a superestrutura, ao mesmo tempo em

---

<sup>1</sup> Desse modo, se o Estado reflete e perpetua a dominação de uma classe pela outra, ele deve ser extinto. Marx acreditava que a luta do proletariado contra a burguesia começaria por uma revolução que substituísse o Estado por um novo, a *ditadura do proletariado*, e terminaria com o fim da luta de classes e o desaparecimento do Estado.

que esta tem uma “autonomia relativa” e exerce uma “ação de retorno” sobre aquela.

A metáfora marxista do “edifício social” é, para Althusser, de caráter descritivo, pois descreve o funcionamento da sociedade, de modo que ele se propõe a superá-la, partindo do ponto de vista da reprodução das condições de produção, para esclarecer questões cuja existência a metáfora clássica apenas indica sem dar-lhes resposta conceitual. O autor explica que toda teoria passa por uma etapa descritiva, que é “transitória e necessária ao desenvolvimento da teoria”, mas que necessita ser superada.

Dessa forma, a teoria marxista do Estado é descritiva: o Estado é definido como Estado de classe que se confunde com o aparelho repressivo do Estado, “a serviço das classes dominantes”, na luta de classes da burguesia contra o proletariado. A fim de desenvolver essa teoria descritiva, para que se compreenda os mecanismos do Estado, Althusser propõe acrescentar a ela o conceito de *aparelhos ideológicos de Estado, AIE*.

A teoria marxista distingue o *poder* de Estado, em torno do qual giram todas as lutas políticas de classes, do aparelho de Estado, que compreende a política, os tribunais, as prisões, o exército e a administração (estão incluídos aqui o Chefe de Estado e o Governo, mas estes podem ser também vistos como a materialidade do próprio poder de Estado). A consequência dessa distinção é que o aparelho de Estado não se altera necessariamente nem simultaneamente à alteração da posse do poder de Estado; mas ela não é suficiente para fazer avançar a teoria.

Para Althusser, os aparelhos ideológicos de Estado são uma realidade que se manifesta junto ao aparelho (repressivo) do Estado, com ele não se confundindo. As diferenças entre eles estão em que há uma pluralidade de aparelhos ideológicos e apenas um aparelho (repressivo); e as instituições que constituem os primeiros estão, em sua maioria, no domínio privado, enquanto o segundo pertence inteiramente ao

domínio público. Para o autor, no entanto, esta última distinção é irrelevante, uma vez que o que importa é o funcionamento das instituições de caráter ideológico.

A diferença realmente relevante é a de que o aparelho repressivo do Estado funciona predominantemente através da violência, e os Aparelhos Ideológicos funcionam principalmente através da ideologia. Fazem parte destes últimos a Igreja, a Família, o Direito, o sistema político com seus diferentes Partidos, os sindicatos, a imprensa, o rádio e a televisão, a cultura (artes, esporte etc) e a Escola. Esta, para Althusser, é o aparelho ideológico dominante nas formações capitalistas maduras, que conta com a audiência obrigatória das crianças de todas as classes sociais durante os anos de sua formação técnica.

Aparentemente, essas instituições formam um corpo disperso, mas o autor afirma que elas funcionam em uma ideologia unificada sob a ideologia da classe dominante, pois “nenhuma classe pode, de forma duradoura, deter o poder do Estado sem exercer ao mesmo tempo sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos do Estado”. Mas essa hegemonia não é plena, uma vez que a classe dominante não dita a lei nos AIE com a mesma facilidade que o faz no aparelho (repressivo) do Estado.

Aí reside o ponto alto do texto de Althusser, no que concerne a possibilidade de fuga do determinismo predominante: a duplicidade de funções dos AIE numa formação social, sendo, ao mesmo tempo, instrumento de dominação e, nas palavras do autor, o lugar da luta de classes. Isso porque as antigas classes dominantes podem ocupar posições nesses aparelhos, atuando dentro deles, e eles são o meio e o lugar de expressão e resistência das classes exploradas.

Quanto à função de instrumento de dominação dos AIE, para Althusser, a importância deles está em, ao lado do Aparelho (repressivo) do Estado, assegurar a reprodução das relações de produção. É esta a chamada “ação de retorno” da

superestrutura para a infra-estrutura, apontada pela teoria marxista. Vejamos como o autor explica esse fenômeno.

A sobrevivência de uma formação social depende da produção e da reprodução das condições dessa produção. Embriagados pelas evidências do ponto de vista da produção e da prática produtiva presentes em nosso cotidiano, não conseguimos alcançar o ponto de vista da reprodução, qual seja: a reprodução das forças produtivas e a reprodução das relações de produção existentes.

Ao lado da reprodução dos meios de produção, ou seja, das condições materiais da produção, como matéria-prima, instalações e maquinaria, é necessária a reprodução da força de trabalho, ou “forças produtivas”. Ela é garantida pelo salário, que assegura a subsistência do trabalhador e de sua família, e pelo sistema escolar que, além de cuidar da formação técnica dos futuros trabalhadores, garante a reprodução de sua submissão às normas da ordem vigente (regras do bom comportamento, de moral e de consciência cívica e profissional), ou seja, à ideologia dominante.

Já a reprodução das relações de produção é entendida como a manutenção do *status quo* da formação social, em relação às posições que cada classe social ocupa na divisão do trabalho, ou seja, a reprodução das relações de exploração capitalistas. Ela é assegurada pelo aparelho repressivo do Estado, que contribui para a sua própria reprodução (vide as dinastias políticas, militares etc) e garante as condições políticas da atuação dos AIE. Estes, por sua vez, garantem a reprodução das relações de produção através da ideologia da classe dominante.

Althusser faz a seguinte distinção em relação à ideologia: as ideologias particulares, que expressam posições de classe, têm uma história, determinada pela luta de classes, que se encontra fora delas, enquanto a ideologia *em geral* não tem história. Ela é autônoma em relação à história e funciona como um sistema independente, e é eterna porque é imutável enquanto sistema.

Para entender essa noção de sistema, podemos nos valer da oposição saussuriana entre sincronia e diacronia. Saussure chama de sincronia (eixo sincrônico) o estágio a que uma determinada língua tenha chegado em um determinado momento de sua história, vista como sistema, e de diacronia (eixo diacrônico) as mudanças pelas quais a língua passa ao longo do tempo. Daí poder-se dizer que a ideologia em geral situa-se apenas no eixo sincrônico, eterna em seu funcionamento enquanto sistema, e as ideologias individuais têm aspectos sincrônicos e diacrônicos.

Neste momento ele rompe com Marx, que concebe a ideologia como pura ilusão, sonho, “idéia” (formada pelos “resíduos diurnos” da realidade concreta dos indivíduos), e empresta de Freud a noção de que *o inconsciente é eterno*, para afirmar que “a ideologia tem uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica”.

Se a estrutura e o funcionamento da ideologia são os mesmos, assumem a mesma forma em toda história, a ideologia assume um caráter eterno, no sentido de sua onipresença e imutabilidade em sua forma. Duas outras formulações que Althusser faz acerca da ideologia são essenciais para a compreensão do que ele chama de sua “tese central”.

A primeira é a de que “a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, ou seja, a ideologia não representa o sistema das relações reais que governam a existência dos homens, e sim a relação (sempre) imaginária deles com as relações reais sob as quais eles vivem, ou seja, com as relações de produção e de classe. Essa representação imaginária é um reflexo imperfeito da realidade, uma relação deformada que o homem tem com suas condições de existência; é sempre imaginária porque é influenciada pela interpelação ideológica.

A segunda diz respeito à materialidade da ideologia, presente na maneira como o indivíduo que vive na ideologia se

conduz, se comporta, em sua participação nas práticas, inscritas em rituais, de um aparelho ideológico. A prática depende da ideologia e a ideologia depende do sujeito, e tanto o aparelho e seus rituais e práticas, quanto os atos do sujeito, que age segundo sua crença, são materiais. Há substituição do termo “idéia” de Marx pela materialidade das práticas, rituais e aparelhos ideológicos.

Uma vez que a ideologia existe para sujeitos concretos e pelo sujeito, ou seja, através dele, a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia. Dessa relação de dupla constituição, que caracteriza o funcionamento de toda ideologia, resulta a tese central de Althusser: a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, ela tem por função constituir indivíduos em sujeitos. A explicação dessa tese está na chamada “função de reconhecimento ideológico”.

Nós tomamos por “evidência” o fato de sermos sujeitos, essa “evidência” nada mais é do que um efeito ideológico. Nos tornamos sujeitos pela primeira vez antes mesmo de nascer, pela interpelação da ideologia familiar/ paternal/ maternal, que nos dá um nome, uma identidade. Nós nos reconhecemos como sujeitos em função da interpelação ideológica: esse reconhecimento é o efeito ideológico elementar e, como sujeitos, ocupamos um lugar no aparelho ideológico e realizamos práticas sociais, e não reconhecemos esse mecanismo pelo qual somos interpelados.

Isso porque vivemos na ideologia e não fora dela. Um dos efeitos da ideologia é exatamente negar seu caráter ideológico, de modo que o que parece acontecer fora da ideologia acontece, na verdade, dentro dela. Os sujeitos, interpelados, não percebem que sua realidade é uma realidade ideológica, não se enxergam dentro da ideologia, porque esta não se lhes apresenta como tal.

Althusser acredita que estar fora da ideologia significa situar-se no conhecimento científico, a fim de alcançar a consciência de que se está ou se esteve na ideologia. A consciência do funcionamento e da estrutura dos aparelhos ideo-

lógicos é o primeiro passo a caminho da revolução, pois o indivíduo se torna capaz de reconhecer as formas de penetrar nos aparelhos ideológicos e de, neles e através deles, tomar o poder.

Ele toma como exemplo a ideologia cristã para ilustrar a estrutura comum a toda ideologia, em primeiro lugar quanto à interpelação dos indivíduos como sujeitos. A ideologia “recruta” ou “transforma” indivíduos em sujeitos, e a existência dessa multidão de sujeitos depende da existência de um Sujeito único, absoluto: Deus.

Em segundo lugar, quanto à submissão dos sujeitos a esse Sujeito único (Deus) e ao reconhecimento mútuo intersujeitos e entre esses e o Sujeito: somos espelho e reflexos do Sujeito, desdobramentos Dele. Ou seja, a ideologia tem uma estrutura especular que pressupõe o desdobramento do Sujeito em sujeitos (interpelados) e o reconhecimento do indivíduo no Sujeito. Este último define a ideologia em particular e é em nome dele que se procede às práticas, ante a crença de que desse reconhecimento e da obediência a certas normas resulta a “salvação”.

Para Althusser, o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações capitalistas maduras é o aparelho ideológico escolar, que conta com a audiência obrigatória das crianças de todas as classes sociais. Ao sair da escola, elas entram “na produção”, como operários ou camponeses, continuam os estudos para ocuparem cargos de baixo e médio escalão ou ainda chegam ao final do percurso e tornam-se “agentes da exploração” (capitalistas), “agentes da repressão” (do aparelho repressivo do Estado) e “profissionais da ideologia” (nas instituições ideológicas).

Segundo a ideologia burguesa dominante a escola é neutra e leiga, portanto desprovida de ideologia, e conduz as crianças à liberdade, à moralidade e à responsabilidade adulta. Quando fala da escola, Althusser dá um exemplo de resistência dentro de um aparelho ideológico: a dos professores, a

quem chama de heróis, que tentam voltar contra a ideologia, seu sistema e suas práticas as poucas armas que encontram na história e no saber que ensinam.

Finalmente se chega à questão da reprodução das relações de produção pelos aparelhos ideológicos de Estado através da ideologia: o funcionamento desta condiciona de tal forma os sujeitos, que eles “caminham por si mesmos”. O indivíduo interpelado enxerga-se como sujeito livre e responsável por seus atos, submetido por sua própria vontade a uma autoridade superior (o Sujeito), em nome do qual realiza os gestos e atos que constituem a materialidade da ideologia que o interpelou.

A ideologia é, portanto, necessária e suficiente para que todos continuem ocupando os postos que a divisão social-técnica do trabalho lhes designa na produção, na exploração, na repressão, na ideologização etc. A classe dominante pode ainda valer-se do aparelho repressivo para conter a (re)ação dos “maus sujeitos”.

Assim, nas palavras de Althusser, “o ponto de vista da reprodução é então, em última instância, o ponto de vista da luta de classes”, porque a divisão “técnica” do trabalho é, na verdade, a forma e a máscara de uma divisão social (de classe) do trabalho: a reprodução das relações de produção é a forma de luta de classe vital para a classe dominante.

Só é possível entender o funcionamento do edifício social de Marx sob o ponto de vista da reprodução das relações de produção: a ideologia e suas instituições, que são partes da superestrutura, dependem da base econômica (infra-estrutura), que as determina em última instância. Mas o domínio da infra-estrutura não é total, apesar de predominante, já que a superestrutura tem autonomia relativa e é através dela que o proletariado pode agir.

Ou seja, a possibilidade de mudança do *status quo* está, ironicamente, nos próprios aparelhos ideológicos de Estado, onde o controle da classe dominante não é pleno. Eles são unificados pela ideologia da classe dominante e é neles que se

reproduz a exploração, mas é também neles, no seio das instituições ideológicas, que aparecem as contradições, que podem haver luta de classes e revoluções. A tomada de consciência – conhecer como se dá a reprodução das relações de produção – é que garante a revolução.

Muitas vezes as formas repressivas dos AIE não dão conta de garantir a dominação, pois quando se questiona uma ideologia, questionam-se com ela seus rituais, práticas e formas de sanção e repressão. Althusser mesmo deixou claro que os AIE são o lugar onde se apresentam as contradições que expressam os efeitos dos choques entre a luta de classes, e onde, queremos acreditar, germina toda semente de mudança.

## BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993. 395 p.
- CARMO-NETO, Dionísio Gomes do. **Metodologia científica para principiantes**. 3 ed. Salvador: American World University Press, 1996. 560 p.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. v.3. São Paulo: Cortez, 2007. 480 p.
- NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA. v. 1. São Paulo: Publifolha, 1996. 512 p.